

# Rodolfo Walsh: o jornalista-militante que “derrotou” Kennedy e a CIA na Baía dos Porcos

João Figueira

## Resumo:

O jornalista argentino Rodolfo Walsh contribuiu decisivamente para a derrota das forças que, com apoio militar dos Estados Unidos, tentaram, em abril de 1961, invadir Cuba e depor Fidel Castro. Fruto dos conhecimentos em criptografia, decifrou uma mensagem do governo da Guatemala para Washington, interceptada nos escritórios da *Prensa Latina*, onde trabalhou por dois anos. A mensagem dava todos os detalhes sobre a hora, data e local do desembarque e ataque à ilha. No contexto da Guerra Fria, o trabalho do jornalista e da Agência, totalmente comprometidos com o processo revolucionário, filiam-se no conceito do jornalismo-militante, ou seja, na ideia da informação ao serviço dos objetivos políticos. Porém, a questão da Baía dos Porcos também teve a sua repercussão no *The New York Times*, que foi sensível à perspectiva da CIA sobre o modo como o jornal deveria tratar o assunto. O que releva a importância e a atualidade de se discutirem as relações entre jornalismo e política.

**Palavras-chave:** Rodolfo Walsh. *Prensa Latina*. Jornalismo

**Rodolfo Walsh: the journalist-militant who "defeated" Kennedy and the CIA at the Bay of Pigs**

## Abstract:

Argentine journalist Rodolfo Walsh made a decisive contribution to the defeat of the forces that, with military support from the United States, tried to invade Cuba and depose Fidel Castro in April, 1961. Thanks to his knowledge of cryptography, he deciphered a message from the Guatemalan government to Washington, intercepted in the offices of *Prensa Latina*, where he had worked for two years. That message contained all the details about the time, date, and place of the planned landing and attack on the island. In the context of the Cold War, the work of the journalist and the Agency, fully committed to the revolutionary process, affiliated itself with the concept of militant journalism, that is, with the idea of information at the service of revolutionary political objectives. However, the Bay of Pigs issue also had its repercussions in *The New York Times*, which was sensitive to the CIA's perspective on how the newspaper should handle the matter. This highlights the importance and timeliness of discussing the relationship between journalism and politics.

**Keywords:** Rodolfo Walsh. *Prensa Latina*. Journalism.

Recebido em: 24.08.21  
Aprovado em: 16.02.22

João Figueira

Professor Auxiliar na  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Coimbra.

E-mail: jotajotafigueira@gmail.com

Estudos em Jornalismo e Mídia  
v.19, n.1, jan./jun. 2022.  
ISSNe 1984-6924

A política e o jornalismo confundem-se com a história da imprensa. Incluindo o jornalismo comprometido com a ação política. George Wilkins Kendall, co-fundador do *Picayune*, histórico diário de Nova Orleães, chegou a declarar guerra ao México e a incentivar, nas páginas do seu jornal, os Estados Unidos a estenderem o seu território ao país vizinho. Foi, na expressão de Manuel Leguineche, um “Hearst avant la lettre” (2017, p. 42), magnata que cerca de 50 anos depois, em 1898, juntamente com o seu rival, Joseph Pulitzer, não só acicatou as forças americanas a invadirem Cuba e a declararem guerra a Espanha, que ocupava a velha colônia, como a ele é atribuída a célebre frase (que mais tarde garante não ter dito) enviada ao seu correspondente Frederick Remington que se limitasse a enviar imagens que ele trataria da guerra.

Remonta, no entanto, ao período revolucionário francês, a partir da segunda metade do século XVIII, a emergência do jornalista-militante com a sua causa (POPKIN, 1990; JEANNENEY, 1996; FERENCZI, 1996), o que marca, verdadeiramente, segundo Gabriel Tarde, “o nascimento do jornalismo e, em consequência, do público, de que ele foi a febre e o fermento” (1991, p.17). A imprensa passa a ser um elemento central do jogo político e, desde então, o jornalismo constitui-se, também, designadamente em períodos de mudança de regime ou revolucionários, como um instrumento indispensável da ação política e da opinião pública (POPKIN, 1990; FIGUEIRA, 2007). Martin (2002) e Rieffel (2003) juntam-se ao vasto leque de autores que realçam o papel dos media, da imprensa em particular, como elementos estratégicos da ação política e como instrumentos de mobilização da opinião pública. Na liderança destes processos estão jornalistas, para quem são (praticamente) inexistentes as fronteiras entre a ação política na qual participam e a sua profissão.

É neste contexto que propomos que seja visto o trabalho do jornalista argentino Rodolfo Walsh, na Agência *Prensa Latina*, em Cuba, entre a sua fundação (1959) e 1961, quando regressa a Buenos Aires. Nesse curto período de dois anos, Walsh chefia o departamento de Serviços Especiais da Agência liderada por Jorge Masetti e cuja principal tarefa era a produção de textos informativos — especialmente reportagens — destinados a publicar na mídia estrangeira uma imagem positiva da revolução cubana.

Como perceber, no entanto, que alguém que possuía uma formação tão conservadora, que nunca se afirmara marxista, nem sequer questionava o capitalismo enquanto sistema político (ARROSAGARAY, 2013) pudesse trabalhar tão afinadamente em prol da revolução cubana? Como perceber que alguém que, ideologicamente, parecia ter pouco em comum com “os barbudos” cubanos, como várias vezes afetuosamente se lhes dirigiu, tivesse sido o grande responsável pelo fracasso e derrota do desembarque, na Baía dos Porcos, em 1961, ao decodificar uma mensagem secreta dirigida à CIA, que referia todos os detalhes sobre a invasão? É possível filiar a ação de Walsh, em Cuba, na linhagem do jornalismo-militante, ou seja, do jornalista comprometido com uma causa política? Há semelhanças entre esse comprometimento profissional e a militância do jornalista revolucionário? Para procurar responder a estas questões procederemos a uma contextualização do papel e ação da Agência *Prensa Latina* no quadro do período da Guerra Fria, observaremos a sua linha editorial e o quadro político em que ela vai ser fundada. Revisitaremos, assim, esse período e a ação específica de Rodolfo Walsh nessa fase revolucionária do país, suportando-nos, para o efeito, de bibliografia relevante, incluindo o pouco que o próprio jornalista argentino deixou escrito sobre o seu trabalho e experiência, em Cuba. Reconstituiremos, ainda, com base na escassa bibliografia dispersa (WALSH, 1998, 2007; MÁRQUEZ, 2006; BRIZUELA, 2010; ARROSAGARAY, 2013; AGUIAR, 2015) os momentos referentes à decodificação, por Walsh, da mensagem dirigida à CIA e intercetada na *Prensa Latina*, sobre o

plano de invasão da ilha com o objetivo de depor Fidel Castro, que constitui um dos marcos da sua atividade, na Agência. Observaremos também como a questão da Baía dos Porcos, influenciada pela discreta pressão da CIA junto do *The New York Times*, criou fortes tensões no interior daquele diário, o que reforça a ideia de que o questionamento e reflexão sobre as relações entre o jornalismo e a política é um tema complexo, transversal e de grande atualidade.

### Escritor e jornalista “maldito”

Nascido na localidade de Choele-Choel, região da Patagônia argentina, Rodolfo Walsh (1927-1977) foi tradutor, escritor e jornalista. E também militante ativo: em 1955 integra as fileiras da Alianza Libertora Nacionalista, um grupo católico de direita — consequência da educação que recebeu no seio de uma família irlandesa muito religiosa — do qual viria a afastar-se; alguns anos após a sua experiência em Cuba (1959-61) funda a revista CGT, órgão semanal da Confederação Geral dos Trabalhadores e, posteriormente, integra o grupo fundador da Agência de Notícias Clandestinas (ANCLA), que pertencia às forças peronistas. Esta sua radicalização política dá-se ao longo dos anos de 1960, sendo que em 1973 fez parte da organização Montoneros, “depois de deixar as Forças Armadas Peronistas, nas quais ingressara provavelmente em algum momento de 1971” (BRIZUELA, 2010, p.266).

Antes destas suas incursões marcadamente políticas, Walsh foi distinguido, em 1950, com o primeiro prêmio de contos policiais, atribuído por um júri de que faziam parte Jorge Luís Borges e Adolfo Bioy Casares. Considerado um nome incontornável das letras argentinas do século XX e um dos autores-chave no cruzamento entre jornalismo e literatura, Eduardo Galeano haveria de o classificar como um historiador do seu tempo e o melhor escritor da sua geração.

A década de 1950 termina com a publicação de duas importantes reportagens de investigação: “Operação massacre” (1957), o trabalho “que modificou a minha vida” (WALSH, 2007, p.15) e “O caso Satanowsky” (1958). A primeira delas antecipa em mais de uma década o *new journalism* que Tom Wolfe virá concetualizar 15 anos depois, e permanece como o trabalho jornalístico mais relevante de Walsh (FIGUEIRA, 2019).

Em 1969, alguns anos após a sua experiência cubana, publica nova investigação jornalística — “Quem matou Rosendo?” — sobre o assassinato do sindicalista Rosendo Garcia, secretário-adjunto da União Operária Metalúrgica, filiada na CGT. Tal como sucedera com as reportagens anteriores, também esta suscitou alguma controvérsia e até acusações de que estava a fragilizar o movimento sindical, sobretudo porque apontou como autor do crime (conclusão a que a polícia não havia chegado) o secretário-geral da CGT, Augusto Vandor.

A 25 de março de 1977, depois de ter distribuído por amigos mais próximos e enviado por correio, para as redações locais e correspondentes de mídia estrangeiros uma dura carta aberta<sup>1</sup> à junta militar liderada pelo general Videla<sup>2</sup>, que na véspera acabara de cumprir um ano na Casa Rosada, depois de ter chegado ao poder através de mais um golpe militar que mudou a presidência do país — depondo Maria Estela Perón<sup>3</sup> — Rodolfo Walsh foi baleado e morto por forças fiéis à ditadura.

### Prensa Latina e a revolução

Nos primeiros dias de 1959, após a revolução cubana ter triunfado, Walsh aceita o convite do velho amigo Jorge Ricardo Masetti, com quem compartilhava cumplicidades de militâncias anteriores, e parte para Havana. Masetti era o homem de confiança de Che Guevara para montar uma estratégia midiática capaz de

<sup>1</sup>Começa assim a sua carta: “em um ano, os senhores reduziram o salário real dos trabalhadores em 40%, diminuíram sua participação na renda nacional em 30% e aumentaram de seis para 18 horas a jornada de trabalho que um operário necessita para pagar a cesta básica, ressuscitando assim formas de trabalho forçado que não subsistem nem mesmo nos últimos redutos coloniais” (WALSH, 2010, p.254).

<sup>2</sup>Videla esteve no poder entre 1976-1981, período em que o seu regime causou cerca de 30 mil mortos e desaparecidos.

<sup>3</sup>Foi a primeira mulher a ocupar o cargo de presidente da Argentina. Viúva de Juan Domingo Perón, regressado em 1973 do exílio para concorrer às eleições, que haveria de vencer com 62% dos votos, Maria Estela Perón (popularmente tratada por Isabel Perón) que era a vice-presidente, assumiu o cargo do falecido marido, em julho de 1974.

fazer uma barragem à informação negativa que os EUA veiculavam sobre Cuba. De resto, Che visitaria regularmente Masetti, no 5º piso do número 201 da rua 23, em Havana, onde se situava o gabinete onde ele trabalhava na direção da *Prensa Latina*, até de madrugada. Era o tempo da Guerra Fria e o mundo era bipolar, pelo que o controle da informação assumia uma necessidade de primeira grandeza, isto é, uma importância estratégica. Esta percepção, que vinha dos tempos da guerrilha em Sierra Maestra — quando Fidel e Che viram o impacto internacional da entrevista que deram a um enviado do *New York Times* — seria, de resto, reforçada, quando nas primeiras semanas após a vitória das forças revolucionárias, a mídia estrangeira, sobretudo com base nos despachos enviados pelas duas grandes agências norte-americanas, *Associated Press* e *United Press*, davam conta da existência de execuções em massa, na capital do país — a história de há 100 anos protagonizada por W.R. Hearst repetia-se, mas com outros meios e protagonistas.

Masetti, Walsh e García Lupo (também jornalista argentino que integra o núcleo fundador) convocam uma grande conferência de imprensa para o Riviera Hotel em Havana, que ficaria conhecida pela designação de “operação verdade”, na qual, perante 400 jornalistas e fotógrafos estrangeiros, Fidel Castro não só desmente os rumores e notícias falsas que circulavam, como alerta os repórteres presentes para o “enorme poder que detinham: a capacidade de moldar a opinião pública” (KELLER, 2019, p.88). E aproveita para dizer que a generalidade dos países da região não possui cabos internacionais, pelo que

os jornalistas da América Latina não têm outra alternativa senão aceitar o que os cabos estrangeiros lhes dizem. Mas a revolução cubana mostrou que é possível a mudança. A *Prensa Latina* vai encarregar-se de ter os meios que permitam aos jornalistas latino-americanos saber a verdade e não serem vítimas de mentiras (KELLER, 2019, p.88).

É nesse contexto que vai nascer a *Prensa Latina*. Em menos de um ano contará com correspondentes em mais de duas dezenas de países e, entre os seus colaboradores, com figuras como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Miguel Ángel Asturias. Da redação fazem parte nomes que mais tarde se vão celebrar na literatura: Gabriel García Márquez, Juan Carlos Onetti, Herberto Padilla e Rodolfo Walsh. No final do ano de 1959, mais de 1.200 veículos de informação espalhados pelo mundo pagavam a assinatura pelos serviços da *Prensa Latina*. Assim se explica, também, os bons salários praticados pela Agência (de que falaremos mais à frente) que, na expressão da investigadora norte-americana Renata Keller, foi “uma arma poderosa no arsenal da revolução castrista” (2019, p.89).

Um dos mais enfáticos apoiantes da iniciativa foi o poeta chileno Pablo Neruda:

Monopolizar o cobre é ruim. Monopolizar petróleo, café, barcos, trigo, é pior ainda. Monopolizar notícias é crime. Já sofremos bastante. Informam-nos à força sobre o estilo de vida norte-americano, chicletes, divórcios, foguetes que não decolam, embaixadoras frívolas que ainda odeiam Lincoln. Queremos notícias do mundo inteiro, sobretudo dos nossos países irmãos da América. Vocês são a primeira janela que deixará entrar ar. Respiraremos! (AGUIAR, 2015, p.4).

A revolução cubana já não será um processo interno do país. A *Prensa Latina* vai encarregar-se de ser a sua voz e chama internacional — à escala global, como se diria hoje.

### Uma redação revolucionária

O projeto da *Prensa Latina*, embora com carácter claramente político e totalmente alinhado com os interesses e objetivos da revolução cubana, visava ser, como havia afirmado Fidel Castro, uma grande agência de notícias latino-americana<sup>4</sup>.

<sup>4</sup>Ainda hoje se assume como agência de notícias da América Latina, com edições em Francês, Inglês, Italiano e Russo. Em 1965, com a Fundação do diário Granma, o papel de grande compromisso com o governo cubano passou a ser protagonizado por este jornal.

Para isso, o seu líder, Jorge Masetti, procurou reunir-se de um conjunto de jornalistas experientes de vários países da região, a quem foram oferecidos salários substancialmente mais elevados dos que então se praticavam, sobretudo, em Cuba. Juan Marrero Gonzalez, um dos elementos que integrou o grupo fundador da *Prensa Latina*, haveria de recordar anos mais tarde que face aos 88 pesos mensais que ele então ganhava,

Masetti apareceu com uma conceção nova: 300 pesos mensais para os jornalistas. E um chefe de redação, como Augier, ganhava 600 pesos. Esses números eram uma quantidade de dinheiro tentadora. Como chefe de turno, eu cheguei a ganhar 450 pesos (ARROSAGARAY, 2013, p.82).

José Prado, que entrou para a Agência um mês depois da sua criação, sublinhará muitos anos depois a sua agradável perplexidade face aos ordenados oferecidos naquela época: “confesso que me pareceu uma barbaridade. Um disparate. O salário mínimo no país eram 60 pesos; 300 pesos era um disparate” (ARROSAGARAY, 2013, p.131). Ao valor do ordenado ainda seria possível, por vezes, como sucedeu com Prado, aumentá-lo com um prémio atribuído por Walsh. “Todos os meses se atribuíam um prémio de cem pesos aos melhores trabalhos” feitos para o departamento de Serviços Especiais chefiado pelo jornalista argentino. “Eu fui o primeiro a ganhar esse prémio, com o trabalho, «Quartéis convertidos em escolas»”, sublinha José Prado (ARROSAGARAY, 2013, p.130).

A 17 de abril de 1959 era oficialmente constituída a Agência liderada por Masetti, que todos olhavam como “chefe jornalístico, o que queria também dizer, chefe político” (ARROSAGARAY, 2013, p.79). Foi ele, na verdade, o grande estratega e líder de um heterogêneo grupo de jornalistas, cada qual vivendo com intensidade diferente aqueles tempos revolucionários. Mesmo Marrero Gonzalez, que alguns anos depois faria parte do grupo fundador do diário *Granma* (órgão oficial do partido comunista cubano) e até final da vida, em 2016, cumpriria um percurso profissional de grande identificação ideológica para com o governo do seu país, viveu aqueles primeiros anos na *Prensa Latina* a admirar “o soldado da revolução” (ARROSAGARAY, 2013, p.83) que era Masetti, que, no entanto, jamais impôs ou exigiu aos outros jornalistas a mesma militância. Roberto Agudo, outro dos jovens jornalistas da época e que viria, posteriormente, a ser uma das principais figuras da televisão cubana, confirma, em entrevista a Enrique Arrosagaray, o referido empenhamento jornalístico e político de Masetti, embora salientando um detalhe curioso:

quando a *Prensa Latina* lança o seu primeiro cabo, Masetti tinha 30 anos resplandescer, tinha-os feito duas semanas antes. Walsh tinha 32 anos e meio, e Che Guevara tinha 31 anos, um mês e dois dias. Eram três miúdos que cresciam à velocidade da luz (ARROSAGARAY, 2013, p. 85).

Gabriel Molina, que chegou a diretor do *Granma*, foi outro dos jovens jornalistas na Agência, que também olhava Masetti com um misto de admiração e respeito, e com quem aprendeu uma frase que jamais esqueceu: “temos de ser objetivos, mas não imparciais. (...) O seu conselho é que, com base em factos, devíamos defender a revolução” (ARROSAGARAY, 2013, p.92). A liderança e superior formação política e ideológica de Masetti era, pois, inquestionável, e toda a equipa de jornalistas que ele juntou, independentemente da sua maior ou menor militância inicial, estavam ali para o seguir e para materializar, através de peças jornalísticas, a defesa dos princípios e da ação do novo poder, em Cuba. Marrero Gonzalez reforça esta ideia, quando refere que “Masetti ajudou à nossa formação revolucionária — além de profissional — porque ele não entendia a revolução separada do jornalismo” (ARROSAGARAY, 2013, p.125).

Eis, pois, sumariamente, o tipo de redação que Rodolfo Walsh vai integrar e o jornalismo (revolucionário) que vai ter de produzir, mesmo tendo em conta, como recorda Perez Pereyra, que ele “era, entre todos os chefes, de secção ou departamento, aquele que refletia mais segurança e autoconfiança” (ARROSAGARAY, 2013, p.117). Durante os dois anos que vai permanecer em Cuba, será o responsável pelo Departamento de Serviços Especiais da *Prensa Latina*. A sua missão era pensar e produzir reportagens de grande fôlego, destinadas a funcionar, no exterior, como instrumento de propaganda do novo poder revolucionário ou, pelo menos, dar uma imagem positiva e progressista do governo dos jovens barbudos.

Tal não significava que aceitasse publicar matérias sem consistência e não baseadas em factos. Isto é, o jornalismo militante que a redação da *Prensa Latina* praticava e, em particular, os Serviços Especiais, tinha de estar devidamente suportado em dados concretos, para que a interpretação e o foco na defesa da revolução cubana com que tais despachos internacionais eram feitos, pudessem ser credíveis.

Roberto Agudo, como muitos outros camaradas de redação, confirmam essa atitude do seu chefe:

Walsh possuía uma grande honestidade intelectual e era muito exigente. Se lhe interessava a proposta de trabalho que algum de nós lhe apresentava, dizia «sim, vale a pena, mas repara: há que corrigir isto, aprofundar este aspecto». Havia companheiros que faziam esse trabalho duas e três vezes (ARROSAGARAY, 2013, p.131).

Na única obra publicada até ao momento, centrada nos dois anos que Rodolfo Walsh trabalhou na capital cubana, ENRIQUE ARROSAGARAY (2013) entrevistou mais de quatro dezenas de antigos amigos e colegas do jornalista argentino e todos coincidem em três ideias: 1) ele vivia para o trabalho na Agência, onde era habitual estar até às três ou quatro horas da madrugada; 2) era muito introvertido, pois nunca falava sobre si e do seu percurso profissional na Argentina; 3) era uma pessoa bastante culta, intelectualmente honesta e extraordinariamente metódica e persistente.

### Walsh antecipa ataque dos EUA

Numa noite de 1961, no meio da habitual rotina dos telexes que chegavam ao departamento — e por onde passava também o cabo das mensagens da embaixada norte-americana na Guatemala — Masetti reparou que entre o texto criptografado de uma mensagem havia a palavra Washington e pediu a Walsh que tentasse decifrar o seu conteúdo. Nos dias que se seguiram — recorda a sua então mulher Blanchard — Walsh dedicou-se inteiramente à trefa de decodificar essa mensagem criptografada, com a ajuda de um pequeno livro da coleção, “Je sais tout” (ARROSAGARAY, 2013). De resto, como veremos mais adiante, desde novembro do ano anterior que o jornalista vinha decifrando mensagens oriundas do governo da Guatemala. Nenhuma, porém, com a importância vital desta.

Valendo-se dos conhecimentos que possuía em criptografia e do enorme treino que a escrita de policiais lhe dera, Walsh acabou por conseguir decifrar a mensagem. Eis o que descobriu: a existência de tropas constituídas por exilados cubanos na Guatemala, “treinadas e armadas pelos Estados Unidos e os detalhes sobre a invasão planeada para abril de 1961 na praia de Girón, com o objetivo de desencadear uma guerra e derrubar o governo de Castro” (ARROSAGARAY, 2013, p.166).

Informadas sobre estes planos, as autoridades cubanas prepararam uma cuidadosa estratégia militar de defesa, que derrotou a tentativa de desembarque das forças invasoras e repeliu os ataques da aviação. Assim se explica o surpreendente fracasso da tentativa de invasão da Baía dos Porcos, a 17 de abril de 1961, terceiro dia de uma ofensiva iniciada dois dias antes com o bombardeio de bases

militares cubanas, por aviões norte-americanos B-26, sob a orientação da CIA e o comando à distância do presidente John Kennedy. A decodificação da mensagem e a sua sequente informação às autoridades competentes foi, pois, decisiva para a derrota da estratégia montada e apoiada pela CIA, com o acordo do presidente norte-americano.

Anos depois, Gabriel García Márquez, que também integrou a redação da *Prensa Latina* e acompanhou de perto todo o processo, em reportagem publicada na revista *Alternativa*, em Bogotá, no verão de 1977, sob o título, “Rodolfo Walsh, o escritor que se antecipou à CIA” (MÁRQUEZ, 2006, p.159), descreve a paciência e o trabalho meticuloso do jornalista argentino, ao longo de dias, até descobrir o verdadeiro conteúdo da mensagem. Nessa reportagem, o escritor colombiano recorda que havia então na sala da *Prensa Latina* um espaço especial onde estavam instaladas algumas máquinas de teletipos destinadas a captar (e analisar mais tarde) material informativo das agências rivais. Uma noite, em consequência de um acidente mecânico, Jorge Masetti deu com uma bobina de teletipo no seu escritório que, curiosamente, não continha qualquer notícia, mas uma extensa mensagem em código.

Era na realidade um despacho do tráfego comercial da Tropical Cable da Guatemala. Rodolfo Walsh, que por certo negava em segredo seus antigos contos policiais, dedicou-se a decifrar a mensagem com a ajuda de uns manuais de criptografia amadora que comprara numa loja de livros usados de Havana (MÁRQUEZ, 2006, p.160).

O feito de Walsh, segundo escreveu García Márquez, “não foi só uma notícia sensacional para um jornalista militante”, como revelou ser “uma informação providencial para o governo revolucionário de Cuba” (2006, p.160). E explica porquê, confirmando a versão de Enrique Arrosagaray:

O telegrama era dirigido a Washington pelo chefe da CIA na Guatemala, subordinado à embaixada naquele país, e era um informe minucioso dos preparativos para um desembarque em Cuba por conta do governo americano. Revelava-se até o lugar onde os recrutas começavam a ser treinados: a fazenda de Retalhuleu, antigo cafezal ao norte da Guatemala (MÁRQUEZ, 2006, p.166).

Dando azo ao que de si tanto se disse e escreveu a propósito dos seus principais trabalhos de investigação jornalística — “os factos escondem e insinuem, dão pistas” (ADOUE, 2008, p.9) —, Walsh teve desde o início a percepção de que aquela aparente e inofensiva mensagem de tráfego comercial seria algo bem diverso. Porém, ele nunca descreveu em pormenor todo o processo. Referiu-se brevemente em alguns artigos a outras mensagens igualmente decifradas por si, mas nem uma palavra sobre este caso, acerca do qual pouco se tem escrito e dado o devido destaque.

Em *Esse hombre*, livro autobiográfico publicado pela primeira vez em 1997, 20 anos depois da sua morte, Walsh dedica alguma atenção ao papel desempenhado pela *Prensa Latina* naquele período, mas nem uma frase sobre o seu papel na decifração da mensagem que anunciava o desembarque na praia Girón. Diz ele:

Algumas vezes excedíamos os limites habituais do jornalismo. Foi a Prensa Latina quem assinalou com meses de antecedência o local exato em Guatemala — a fazenda Retalhuleu — onde a CIA preparava a invasão a Cuba, e a lista de Swan, onde os norte-americanos tinham centralizado a propaganda rádio em nome dos exilados (WALSH, 2007, p.133).

E é tudo quanto deixou escrito sobre esse episódio. Nos três dias que durou o ataque, Walsh trocou o seu “trabalho frio nos Serviços Especiais pelo da redação central da Agência, como forma de apoiar na elaboração e transmissão de notícias acerca dos acontecimentos” (ARROSAGARAY, 2013, p.127) que estavam

a marcar a vida do país. Apoio, esse, aliás, bem evidente tanto nos artigos que ia publicando na imprensa estrangeira, como na decifração de outras mensagens secretas, as quais, essas, acabaria por revelar mais tarde.

### Jornalista e ator político

No período em que esteve na *Prensa Latina*, o jornalista argentino publicou vários artigos em que procurava denunciar a ingerência norte-americana em países da região. Alguns deles tiveram por base mensagens interceptadas (em comunicações de rádio), entre o governo de Guatemala e os seus embaixadores em Washington e na Organização dos Estados Americanos, entre os dias 14 de novembro de 1960 e 26 de janeiro de 1961. O processo começa a partir de um telex da agência *United Press*, de 23 de fevereiro de 1960, o qual noticia que os Estados Unidos iriam celebrar um acordo com o governo da Guatemala, com o objetivo de evitar a infiltração comunista na América Latina (WALSH, 1998). Porém, só meses mais tarde é que as primeiras mensagens são interceptadas. Mais uma vez não há grandes detalhes, embora Walsh tenha escrito, quando as revelou, que “estas mensagens não foram roubadas (...), foram simplesmente monitorizadas em um lugar do Caribe e chegaram às minhas mãos por meios que não posso ainda revelar” (WALSH, 1998, p.75).

Em alguns dos textos que vai publicar ao longo de 1961 na revista argentina *Che*, o jornalista chega a inserir cópias dessas mensagens cifradas e a respectiva decodificação. Em *El violento ofício de escribir*, que reúne grande parte dos textos jornalísticos escritos entre 1953-1977, incluindo os que foram assinados sob o pseudônimo de Daniel Hernández, Walsh exibe no artigo intitulado “Guatemala, uma diplomacia de joelhos”, algumas dessas mensagens e reforça a sua argumentação contra o papel desestabilizador dos Estados Unidos que, em sua opinião, queria alterar o curso da história em Cuba, através dos seguintes objetivos:

- a) Convencer o resto do continente que o governo cubano é uma ditadura comunista; b) com base nessa convicção incentivar o seu isolamento diplomático; c) articular uma ação coletiva para derrotar Castro, sob o pretexto de defesa do hemisfério ocidental” (WALSH, 1998, p.78).

Neste contexto, ataca duramente os Estados Unidos, acusando-os de ingerência nos assuntos internos dos países da América Latina. Chegou mesmo a qualificar a ação norte-americana para com Cuba como “a política do grande garrote, que não terminou com Kennedy, como algumas pessoas mais ingênuas supõem” (WALSH, 1998, p.75).

Toda a sua atuação nos diz que Rodolfo Walsh foi simultaneamente jornalista e ator político ao serviço da revolução, na medida em que assumiu sempre, de acordo com a linha editorial da Agência, a defesa intransigente dos valores, princípios e objetivos do processo histórico em que genuinamente acreditava. De resto, até García Márquez quando se refere a ele o designa por “jornalista militante” (2006, p.160).

Assim se percebe que o jornalista, que era ao mesmo tempo um ator político, olhasse para a experiência que seguia apaixonadamente, como se assistisse ao nascimento de uma revolução latino-americana, cuja gênese estava ali, como ele acreditava e que Daniel Link, responsável pela organização de *El violento ofício de escribir*, faz questão de sublinhar em nota introdutória ao capítulo dedicado a Cuba: “Walsh, possuidor de uma sólida formação profissional decide colocá-la ao serviço da causa revolucionária, que não mais abandonará até à sua morte” (p.72). Quer isto dizer, que a experiência naquela ilha acelerou o processo de mudança ideológica na educação conservadora em que crescera.

De resto, num outro artigo, ao estabelecer um contraponto entre o papel da *Prensa Latina* e da grande mídia internacional, cuja ação ele entendia que visava

dar uma ideia deformada do que se passava em Cuba, o jornalista acaba por destacar de novo a ação do coletivo, em detrimento do individual, realçando o papel e função informativa da Agência:

A campanha contra o governo revolucionário alcançou uma intensidade jamais vista na história. *United Press* e *Associated Press*, as agências que monopolizam o mercado mundial de notícias, puseram em marcha essa catarata de lixo informativo que dura até hoje, preparando o terreno para a cadeia de agressões que ia culminar na praia Girón. Para contrariar, na medida do possível esse ataque, nasceu a *Prensa Latina* (WALSH, 2007, p.130).

E perante as críticas estrangeiras que acusavam a *Prensa Latina* de ser uma Agência oficial, Rodolfo Walsh argumenta que ela

era tão oficial quanto a *United Press*, *Reuters* ou *France Press*: não há no mundo uma agência que não responda aos interesses de um estado nacional ou de um grupo monopolista estreitamente vinculado a esse estado. A diferença consiste em que os países dominantes do mundo ocidental proíbem esse luxo a países dependentes (WALSH, 2007, p.130).

A investigadora norte-americana Renata Keller, que tem estudado a revolução cubana e o trabalho da *Prensa Latina* no contexto da Guerra Fria, concorda com Walsh, quando ele considera que é muito tênue e frágil a fronteira entre política e jornalismo; porém, chama a atenção para um detalhe:

A história da *Prensa Latina* sublinha o facto de as relações entre jornalismo e política, entre a imprensa e o estado, serem sempre tensas, e por isso as fronteiras entre elas são claramente difusas. A *Prensa Latina* era mais dependente do governo cubano que a mídia dos Estados Unidos era do seu governo, mas a diferença era apenas uma questão de grau, não uma diferença absoluta (KELLER, 2019, p.112).

Sobressai, assim, a ideia de que as relações entre o jornalismo e a política ou entre a imprensa e os respetivos estados apresentam uma complexidade pouco compaginável com a simplicidade com que por vezes se procura entendê-las. Os contextos políticos e a respetiva conjuntura são aspetos determinantes nesses processos quase nunca lineares, mesmo nos sistemas mais liberais e pluripartidários, como observaremos de seguida.

## CIA influencia New York Times

Nos Estados Unidos, dias antes da data prevista para a invasão da Baía dos Porcos, o *The New York Times* debatia-se, internamente, acerca da informação que deveria publicar. Tad Szulc, que tinha sido correspondente do jornal no Brasil, conseguira obter alguns dados, em Miami, sobre os planos da invasão coordenada pela CIA.

A reportagem deveria ser publicada em quatro colunas na primeira página. Em lugar de dizer que a invasão estava marcada para o dia 18 de abril, como escrevera Szulc, o jornal colocou, por precaução, que ela era “iminente”. Mas James Reston, chefe da redação em Washington, depois de falar com o diretor da CIA, Allen Dulles, telefonou ao publisher, Orvil Dryfos. Sem mencionar sua conversa com Dulles, sugeriu amenizar o impacto da informação e retirar da matéria a expressão “iminente”, o que foi feito, assim como a referência à participação da CIA (MOLINA, 2009, p.132).

O texto seria publicado, como previsto, na primeira página, mas apenas a uma coluna e com a expressão “iminente” retirada. Esta tomada de decisão caiu muito mal no seio da redação do jornal, o que obrigou Dryfos a uma explicação. Este acabou por justificar a sua atitude de autocensura, argumentando que a tomara por motivos de “segurança nacional” (MOLINA, 2009, p.132). O caso, no

entanto, deixou marcas e várias divisões internas. Cinco anos mais tarde, Clifton Daniel, que foi diretor do NYT, entre 1964-1969, haveria de contar publicamente todos os pormenores e impacto que o gesto de autocensura, em abril de 1961, causara internamente.

Numa palestra dada no *World Press Institute*, Clifton recordou o ambiente tenso e áspero daquele final de tarde de abril, confirmando a iniciativa de autocensura de Orvil Dryfos sugerida por Reston, a qual se traduziu numa forte divisão interna sobre as opções editoriais do jornal. Porém, como assinala a este respeito, Gay Talese, em *O reino e o poder: uma história do New York Times*, o aspeto mais relevante dessa revelação pública e oficial — que o NYT publicou na íntegra — foi mostrar como “o discurso de Daniel tinha, inadvertidamente, lançado uma nova luz sobre o próprio jornal, ao admitir pela primeira vez a existência de discórdia entre seus editores” (TALESE, 2000, p.17), cenário difícil de imaginar entre os leitores, porquanto ele era visto “como uma digna e tranquila catedral” (TALESE, 2000, p.17). Esse ambiente de crispação não terá sido alheio, também, ao facto de o presidente Kennedy, depois do fracasso da Baía dos Porcos, ter comentado com alguns editores do NYT que o jornal exagerara na sua preocupação de defender os interesses americanos (TALESE, 2000; MOLINA, 2009).

### Jornalismo e serviços secretos

O compromisso de Walsh, enquanto jornalista, para com as forças cubanas suscita a questão, antiga, das relações entre política e jornalismo e, ainda, o papel deste na construção da história. O mesmo se pode aplicar ao NYT. Matías Molina, autor de uma história daquele jornal, não deixa de fornecer informação interessante e pertinente sobre as relações entre o NYT e a CIA, recordando que até durante a II Guerra vários dos seus correspondentes prestaram apoio aos serviços secretos ingleses (MI-6). E alguns dos seus jornalistas que estiveram no Médio Oriente não se livraram da fama de terem colaborado com a CIA, embora o jornal, nos inquéritos internos que levou a cabo, nunca ter chegado a essa conclusão (MOLINA, 2000).

O mesmo investigador relembra que são conhecidas, ao longo dos anos, sucessivas pressões e intromissões de diferentes diretores da CIA, junto da direção do NYT, fosse para substituir certos correspondentes, cuja independência e curiosidade desagradavam aos serviços secretos norte-americanos, fosse para tentar que eles colaborassem com ela. A publicação, sem provas, de notícias sobre a existência de armas de destruição massiva no Iraque, no âmbito da campanha política e midiática levada a cabo pela administração americana, em 2003, e que posteriormente se veio a comprovar que todos os dados fornecidos e veiculados eram falsos (LEWANDOWSKY et al., 2013) será um dos exemplos mais eloquentes de colaboração, não apenas deste jornal, mas da mídia ocidental, na generalidade. Porém, esteve longe de ser um caso isolado:

Muitas vezes, o jornal deixou de publicar informações que podiam comprometer o governo, como os vôos de aviões norte-americanos de reconhecimento sobre a União Soviética, até que um deles foi derrubado, em 1960, nas vésperas de um encontro do presidente Eisenhower com o primeiro-ministro soviético Nikita Krushchev (MOLINA, 2000, p.131).

Não se deve extrair, todavia, a partir destes exemplos, a ideia de que o NYT é um jornal incondicionalmente comprometido com as políticas e estratégias da administração norte-americana. A história mostra ao longo dos anos uma prática de independência assinalável, de que o famoso caso dos *Pentagon papers*, no início da década de 1970, é uma das clássicas demonstrações da sua autonomia editorial. Porém, em situações especialmente sensíveis, o jornal, dada a sua influência, é por norma confrontado com a ideia do interesse nacional ou segu-

rança nacional, como sucedeu no contacto de abril de 1961, entre James Reston e o diretor da CIA.

Porém, nem sempre essas conversas são bem sucedidas. A 9 de dezembro de 2005, o presidente George W. Bush recebeu durante uma hora, na Sala Oval, o diretor do *NYT*, Arthur Ochs Sulzberger, o diretor executivo, Bill Keller e o chefe da sucursal do jornal em Washington, Phill Taubman. O objetivo do encontro era persuadir o *NYT* a não publicar uma notícia sobre a realização de escutas clandestinas, por parte dos serviços secretos. Bush terá concluído a sua argumentação com a frase: “você terão sangue em suas mãos” (MOLINA, 2000, p.105). Certo, é que o jornal não alterou a sua posição e a notícia foi publicada.

Mesmo em relação a Cuba, o jornal procurava um desejável sentido de independência jornalística. Depois de o presidente Fulgêncio Batista, no início dos anos de 1950, ter publicamente afirmado que Fidel Castro estava morto, Herbert Matthews, que já tinha assinado algumas das melhores e mais honestas reportagens sobre a guerra civil espanhola, no *NYT*, consegue uma entrevista com o líder da revolução cubana, na Sierra Maestra. Este encontro, que é reforçado com a publicação de uma foto de Castro, vai dar um novo impulso à luta dos guerrilheiros (MOLINA, 2000).

### ”Não” marxista, “mau” marxista

Após os acontecimentos da Baía dos Porcos o processo revolucionário cubano vai sofrer significativas alterações, cujo impacto, na *Prensa Latina*, culmina com a destruição dos arquivos dos primeiros anos da Agência — razão pela qual apenas os artigos publicados por Walsh na imprensa argentina sobreviveram — (ARROSAGARAY, 2013; WALSH, 2007). Trata-se do que Walsh e vários jornalistas designaram, então, por ações de sectarismo, resultado da crescente influência do partido comunista na Agência (WALSH, 2007; ARROSAGARAY, 2013; KELLER, 2015). Masetti chega a demitir-se para se dedicar exclusivamente às atividades revolucionárias, mas acaba por regressar à Agência meses depois. Por pouco tempo, uma vez que no ano seguinte estará na Argélia e dali regressará à América Latina para prosseguir o seu combate como guerrilheiro. Desde o início de 1961, no entanto, como refere KELLER (2015), que ele já “trabalhava a tempo inteiro para a Direção Geral de Inteligência de Cuba” (p.82), o que poderá explicar o ímpeto de querer enviar à Guatemala Rodolfo Walsh, disfarçado de sacerdote, dias depois de o jornalista argentino ter decifrado a mensagem com as informações sobre a invasão da Baía dos Porcos. García Márquez recorda assim esses momentos:

Rodolfo Walsh iria à Guatemala com uma roupa preta e um colarinho de celulóide, pregando os horrores do apocalipse, que sabia de cor, e vendendo bíblias de porta em porta, até se infiltrar nos campos de treinamento. Seria, pensávamos com entusiasmo, a grande reportagem da época. Só que o governo de Cuba tinha já outros planos para infiltrar seus agentes em Retalhuleu que modificavam os planos de Masetti (MÁRQUEZ, 2006, p.161).

Se na *Prensa Latina*, como refere ARROSAGARAY (2013), “o trabalho jornalístico estava intimamente ligado ao trabalho revolucionário”, ou seja, “era trabalho remunerado e militância” (p.144), isso é facilmente entendível no facto de todos os dias Walsh — como outros elementos da redação — cumprir com entusiasmo um programa de treino de tiro ao alvo, como forma de preparação para-militar. Na conceção de Masetti um jornalista-militante teria de estar preparado para todas as eventualidades; no caso de Walsh, foi a sua capacidade para decifrar mensagens secretas e os seus conhecimentos de criptografia que se revelaram determinantes na defesa da causa revolucionária.

A sua ida para Cuba ocorre depois da publicação da reportagem “Operação massacre”, trabalho que “mudou a minha vida”, como ele próprio escreve no livro

autobiográfico, *Esse homem*,<sup>5</sup> porquanto essa investigação jornalística permitiu-lhe compreender que “para lá das minhas perplexidades mais íntimas, existia um ameaçante mundo exterior (WALSH, 2007, p.15). E em Cuba, sublinha, “assisti ao nascimento de uma nova ordem, contraditória, às vezes épica, outras vezes fastidiosa” (WALSH, 2007, p.15).

Reconhece, no entanto, que foi ali que pela primeira vez viu “uma revolução em ação” e se interessou “pela teoria revolucionária” (WALSH, 2007, p.142), factos que o levaram a ler algo que o pudessem esclarecer melhor sobre esses fenómenos. Mesmo assim, de um não marxista assumido antes de chegar a Havana (ARROSARAGAY, 2013), Walsh afirmar-se-á, depois dessa experiência, “um marxista, mas um mau marxista, porque leio muito pouco: não tenho tempo para formar-me ideologicamente. Minha cultura política é mais empírica que abstrata” (WALSH, 2007, p.142).

Durante o tempo em que permaneceu em Havana a sua ação foi, realmente, muito concreta, palpável, plena de prática como é o trabalho dos jornalistas-militantes e atores revolucionários, normalmente pouco dados à contemplação e a exercícios de abstração teórica.

## Conclusões

Num ensaio sobre a obra de Walsh, MORENO (2007) especula sobre a dupla dimensão da escrita do jornalista, que ora é política, outras vezes artística, para concluir que esse “sistema de turnos” (p.12) correspondia a um tipo de organização que lhe agradava, por lhe permitir exercer em momentos diferentes, formas diversas de exercer o ofício da escrita. Situando-nos no período em análise, o ofício de escrita de Walsh, em Cuba, é claramente o do jornalista ao serviço de ideais políticos. Tal como os antigos jornalistas revolucionários utilizaram a imprensa como arma de ação política, também o repórter argentino foi um ator político ao mesmo tempo que fazia jornalismo. As duas atividades a que se entregou como se de uma se tratasse, foram irmãs siamesas no cumprimento de uma missão realizada no seio da *Prensa Latina* que, no quadro da Guerra Fria e de um mundo bipolar, buscava ser mais que uma mera agência de informação noticiosa.

Sob o lema “temos de ser objetivos, mas não imparciais”, como defendia o diretor da Agência, esse jornalismo *engagé* cumpria, assim, a sua missão revolucionária, em cujas fileiras se destacou a ação do jornalista-militante Rodolfo Walsh. A esse combate “político-jornalístico”, digamos assim, protagonizado pela *Prensa Latina*, opunha-se a mídia ocidental que, embora sem o compromisso explícito de estar ao serviço dos respetivos governos, defendia e veiculava sem o menor desvio as posições deles. É nesse contexto que emergem as tensões entre o jornal norte-americano *The New York Times* e as autoridades do seu país, o que leva Renata Keller a considerar que as diferenças entre as realidades cubana e dos Estados Unidos, nas relações entre os governos e a mídia, eram “apenas uma questão de grau”.

Esta visibilidade midiada, como lhe chamaria Thompson (1995) na sua obra seminal sobre política e comunicação, mantém atual um velho debate que tanto nos remete para a ideia de “imediatez encenada”, na expressão de Innerarity (2010, p. 97), como para a chamada de atenção que Hannah Arendt (1995) antecipa em *Verdade e política*, originalmente publicado em 1967, onde alerta para a péssima relação existente entre ambas. Antes de todos eles já Park (1940) sustentava que a mídia tem o poder, através da hierarquização das notícias — daí as pressões da CIA sobre o destaque e (in)visibilidade da notícia do NYT — de orientar o público para um sentido concreto da atualidade/realidade e, nessa medida, determinar a própria opinião pública. No presente como no passado, as relações entre a política e o jornalismo sempre se pautaram, pois, por uma clara tensão e disputa de poder e domínio do espaço público.

<sup>5</sup>Temos como referência a edição de 2007, corrigida e aumentada por Daniel Link, face a uma primeira versão publicada em meados da década de 1990, também organizada por ele.

O objetivo do presente artigo, no entanto, visa apenas discutir e perceber o papel do jornalismo em contexto revolucionário, com base na experiência e mudança de regime em Cuba, e de que modo o jornalista comprometido com a sua causa política acaba, como se verificou com a ação de Walsh, por ser determinante no resultado da invasão da Baía dos Porcos, e desse modo influenciar o próprio rumo da história.

Fica, assim, evidente que a criação da *Prensa Latina* obedeceu a uma estratégia de resposta e reação política por parte das autoridades de Havana, face ao caudal de informação estrangeira desfavorável, sobretudo norte-americana, para com os ventos da revolução cubana. É neste contexto e para materializar tal estratégia que Walsh se empenha de forma inteira e militante, procurando ser, no quadro das dinâmicas da revolução cubana, aquilo que Jean Lacouture designa como o “historiador do imediato” (1990, p.322), no sentido em que aquilo que esse jornalista busca é construir uma narrativa sobre a mudança e não sobre o que mudou.

Talvez por isso lhe interessasse pouco deter-se sobre o que fez. É uma interpretação possível, mas em aberto, perante a ausência de um testemunho pessoal acerca da decifração da mensagem secreta que derrotou a CIA e Kennedy. Ao invés, realçou sempre a dimensão coletiva do trabalho revolucionário na *Prensa Latina*. Mais uma vez, depreende-se nessa dissolução do individual no grupo a sua entrega sem condições a essa “revolução em ação” (WALSH, 2007, p.142) que faria dele um marxista.

Finalmente, o quadro geo-político em que tudo se passa releva a atualidade da discussão sobre as relações entre o jornalismo e a política — de que a cobertura midiática, desde 2021, sobre o diferendo que opõe a Rússia à Ucrânia, e a manipulação de informação que antecedeu a invasão no Iraque são exemplos eloquentes — no sentido de se perceber qual o papel e função da informação jornalística nas sociedades contemporâneas.

---

## Referências

ADOUE, Silvia Beatriz. **Rodolfo Walsh, o criptógrafo: relações entre escrita e ação política na obra de Rodolfo Walsh**. 2008. 210 p. (Tese de doutoramento em Língua espanhola e literaturas espanhola e hispano-americana) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas. São Paulo, 2008. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-20032009-170439/publico/SILVIA\\_BEATRIZ\\_ADOUE.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-20032009-170439/publico/SILVIA_BEATRIZ_ADOUE.pdf). Acesso em: 2 mar. 2021.

AGUIAR, Pedro. Quando não bastava dar a notícia. **RECIIS**, Rio de Janeiro, v. 9, nº. 3, p. 1-7, jul-set 2015. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1022>. Acesso em: 10 mar. 2021.

ARENDT, Hannah. **Verdade e política**. Lisboa: Relógio D'Água, 1995.

ARROSAGARAY, Enrique. **Rodolfo Walsh em Cuba: agencia Prensa Latina, milicia, ron y criptografia**. Buenos Aires: Cienflores, 2013.

BRIZUELA, Natália. Rodolfo Walsh entre a literatura e a política. In: WALSH, R. **Operação massacre**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 259-270.

FERENCZY, Thomas. **L'Invention du journalism en France**. Paris: Petite bibliothèque Payot, 1996.

INNERARITY, Daniel. **O novo espaço público**. Lisboa: Teorema, 2010.

FIGUEIRA, João. **Os jornais como actores políticos**. Diário de Notícias, Expresso e Jornal Novo no Verão Quente de 1975. Coimbra: Minerva, 2007.

FIGUEIRA, João. A denúncia política na origem do new journalism: o caso pioneiro de Rodolfo Walsh. **Observatório (OBS\*) Journal**, 2019, v. 13, nº1, p. 172-191.

JEANNENEY, Jean-Noel. **Uma história da comunicação social**. Lisboa: Terra-mar, 1996.

KELLER, Renata. The revolution will be teletyped: Cuba's Prensa Latina news agency and the cold war contest over information. **Journal of Cold War Studies**, Cambridge, 2019, v. 21, nº. 3, p. 88- 113. Disponível em: <https://direct.mit.edu/jcws/article/21/3/88/13796/The-Revolution-Will-Be-Teletyped-Cuba-s-Prensa>. Acesso em: 5 mar. 2021.

KELLER, Renata. **Mexico's cold war**: Cuba, the United States, and the legacy of Mexican revolution. Boston: Cambridge University Press, 2015.

LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques (dir.) **A nova História**. Coimbra: Almedina, 1990. p. 314- 338.

LEGUINECHE, Manuel. **Yo pondré la guerra**. Cuba: 1898: la primera guerra que se invento la prensa. Barcelona: B. S. A., 2017.

LEWANDOWSKY, Stephan; STRITZKE, Werner; FREUND, Alexandra; OBERAUER, Klaus; KRUEGER, Joachim. Misinformation, disinformation, and violent conflict: From Iraq and the "war on terror" to future threats to peace. **American Psychologist**, Washington, D.C., v. 68, p. 487-501, out. 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/257837873\\_Misinformation\\_Disinformation\\_and\\_Violent\\_Conflict\\_From\\_Iraq\\_and\\_the\\_War\\_on\\_Terror\\_to\\_Future\\_Threats\\_to\\_Peace](https://www.researchgate.net/publication/257837873_Misinformation_Disinformation_and_Violent_Conflict_From_Iraq_and_the_War_on_Terror_to_Future_Threats_to_Peace). Acesso em: 10 mar. 2021.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. Rodolfo Walsh, o escritor que se adiantou à CIA. In: **Reportagens políticas**. São Paulo: Record, 2006. p. 159-161.

MARTIN, Marc. **La presse regional, des affiches aux grands quotidiens**. Paris: Fayard, 2002.

MOLINA, Matías. **Os melhores jornais do mundo**. São Paulo: Globo, 2009.

MORENO, Maria. El deseo de escribir. **Hoy**, suplemento Radar, La Plata, p. 12, 25 mar. 2007. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/radar/9-3705-2007-03-25.html>. Acesso em: 7 mar. 2021.

PARK, Robert Ezra. News as a form of knowledge: a chapter in the sociology of knowledge. **American Journal of Sociology**, v. 45, nº5. The University of Chicago Press, 1940, p. 669-686.

POPKIN, Jeremy. **Revolutionary news**: the press in France: 1789-1799. London: Duke University, 1990.

RIEFEL, Rémy. **Sociologia dos media**. Porto Editora, 2003.

TALESE, Gay. **O reino e o poder**: uma história do New York Times. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TARDE, Gabriel. **A opinião e a multidão**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1991.

THOMPSON, JOHN B. **The media and modernity**: a social theory of the media. Stanford: Stanford University Press, 1995.

WALSH, Rodolfo. **El violento oficio de escribir**: obra periodística: 1953-1977. Buenos Aires: Planeta, 1998.

WALSH, Rodolfo. **Esse hombre y otros papeles personales**. Buenos Aires: Ediciones de la flor, 2007.

WALSH, Rodolfo. **Operação massacre**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.